

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

- C. VAN RIET LOWE — Subsídio para a pré-história de Moçambique — Documentário trimestral «Moçambique», n.º 36, págs. 7 a 12, Dezembro de 1943, Lourenço-Marques, 1944; *id.*, Os antepassados do Homem — Progresso da Arqueologia, *id.*, n.º 39, págs. 93 a 106, Setembro de 1944, Lourenço-Marques, 1944.

O A., distinto professor de Arqueologia na Universidade de Witwatersrand e director do Departamento Arqueológico da União Sul-Africana, visitou a região do Chaichai na foz do rio Limpopo, para ver uma jazida arqueológica existente a 2 km. da praia de Sepúlveda onde apareciam conchas queimadas, vestígios de fogueiras, fragmentos de panelas de barro de várias formas e tamanhos, espinhas de peixe e vértebras e ainda alguns raros ossos de animais. A quando dessa visita de prospecção rápida, o A. recolheu alguns fragmentos de louça e um fémur humano que foram estudados pelo Dr. Wells também da Universidade de Witwatersrand.

A opinião de van Riet Lowe é de que tais restos «são devidos à estada dos primeiros bantos naquela área».

Referindo-se à circunstância de serem relativamente reduzidas as explorações arqueológicas na nossa colónia do leste africano, o A. diz estar «firmemente convencido de que a contribuição de Moçambique para o conhecimento da história do homem primitivo há-de ser muito importante», e acrescenta que «sem o desenvolvimento da investigação arqueológica em Moçambique os trabalhos feitos no resto do continente não ficam completos».

Van Riet Lowe prevê, confiante, que os ainda mal explorados territórios moçambicanos hão-de surpreender o resto da África pela sua importância arqueológica.

O segundo trabalho constituiu uma palestra feita em Lourenço-Marques em sessão promovida pela Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas da Colónia. Depois de considerações de ordem geral sobre a origem e evolução da Pré-história na Europa, passa a ocupar-se das pesquisas em África. Cita os achados do coronel Bowker que no vale do rio Fish na parte leste da província do Cabo descobriu, a 6 metros de profundidade, «utensílios de pedra que reconheceu não poderem ter sido assim

feitos pela natureza». Quasi 10 anos antes de Boucher de Perthes ter atribuído às pedras talhadas dos terraços do Soma, perto de Abbeville, o verdadeiro significado de utensílios fabricados pelo homem, Bowker fêz o mesmo para os seus achados do rio Fish, ganhando além dos méritos dum precursor a láurea de primeiro arqueólogo sul-africano.

Van Riet Lowe, convencido de que deve ter sido em África que se «representou o acto mais importante do drama da história humana», afirma que «foi em África que o homem primeiro apareceu» e dali passou à Europa, e acrescenta: «concordando com o meu grande compatriota Marechal Smuts, penso que, quando os europeus dirigiram seus passos para o continente negro, não fizeram mais do que voltar ao lar dos antepassados».

Abordando o tema das pesquisas na África Portuguesa, diz que embora, até ao momento presente, não tenham sido intensas, são, no entanto, elucidativas e valiosas. Refere as descobertas do engenheiro Lerenio Antunes Barradas e as da Missão Antropológica de Moçambique. Incita os Portugueses a desvendar a riqueza arqueológica que se esconde no solo moçambicano, certos de que ao fazê-lo conquistaríamos «a gratidão e a amizade dos que procuram a verdade».

SANTOS JÚNIOR.

H. BREUIL ET J. ZBYSZEWSKI — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire — Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage — Vol. I. — «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», t. XXIII, Lisboa, 1942.

Dando notícia no fasc. I deste volume dos «Trabalhos» (págs. 71-74) da estada do grande pré-historiador francês P.^e Henri Breuil em 1941 e 1942 em Portugal, aludimos ao seu intenso estudo do material paleolítico existente nos nossos Museus e às importantes explorações e achados que o ilustre investigador realizou, acompanhado do Dr. Zbyszewski e de outros colaboradores, em muitos pontos do nosso país, do Minho ao Algarve, especialmente na região costeira e no vale do Tejo. Dissemos então que Breuil deu atenção especial, na classificação dos espécimes encontrados e das estações respectivas, não só à morfologia daqueles, como também à côr, à pátina, à técnica de fabrico, ao desgaste das arestas, a todos os caracteres intrínsecos e ambientais das peças descobertas que podem fornecer elementos

para a sua cronologia, para a determinação e esclarecimento das condições de depósito, das vicissitudes sofridas por aquêles objectos desde a sua produção, utilização e abandono pelo homem até ao presente. E, fazendo referência a algumas comunicações já então publicadas por Breuil, Zbyszewski, Orlando Ribeiro e Vaultier sobre as novas investigações, anunciámos que se encontrava em via de publicação uma monografia mais ampla e completa do nosso paleolítico, a qual era aguardada — acrescentávamos — com subido interesse nos meios científicos.

É o primeiro volume dessa monografia que temos diante de nós e que constitui o tómo XXIII das «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal». São mais de 350 páginas, com numerosas estampas em que se reproduzem muitos centenaes de peças líticas.

Como era de prever, o estudo a que nos referimos, é da maior importância para o conhecimento e sistematização da pré-história portuguesa. A revisão crítica de materiais existentes, a menção de um grande número de estações e achados novos, a tentativa da reconstituição da paleogeografia e das condições do povoamento humano no país durante o paleolítico, são feitas com grande minúcia, com um escrupuloso cuidado de precisão, e, especialmente, com êsse extraordinário poder de visão — esclarecida, para mais, por um conhecimento excepcional da pré-história de vários países e continentes — que confere a Breuil uma das categorias mais destacadas entre os cultores da especialidade na história deste ramo de saber.

Como escrevemos em 1942, a propósito dos trabalhos de Breuil em Portugal, é bem patente a complexidade de alguns aspectos destes estudos, complexidade que justifica, na verdade, certas dúvidas e hesitações na matéria, mas é inegável que Breuil trouxe à investigação do paleolítico português um esforço valiosíssimo e original, digno das nossas homenagens e até do nosso reconhecimento. Seria, porém, injusto deixar no olvido o valor da colaboração que êle teve de Zbyszewski e de outras individualidades científicas já mencionadas, sendo para louvar mesmo a manifestação, que êle próprio faz, do seu alto aprêço pelos esforços desenvolvidos por investigadores portugueses que o precederam, sobretudo por Carlos Ribeiro.

Não é praticamente possível dar numa brevíssima nota bibliográfica o simples sumário da documentação apresentada na monografia e das conclusões gerais expostas pelos seus autores. Em nove capítulos êstes ocupam-se sucessivamente da «verdadeira significação» dos chamados *edlitos* de Ota, de generalidades sobre as indústrias paleolíticas do vale inferior do Tejo e método

de estudo utilizado, das condições geológicas dos jazigos da área basáltica da margem direita do Tejo, sobretudo de Casal do Monte, das indústrias de Casal do Monte, de outros jazigos dos arredores de Lisboa, das indústrias da região de Muge, do jazigo de Alpiarça, de outros jazigos do vale inferior do Tejo — margem esquerda —, dos resultados do estudo das estações de Muge e Alpiarça, especializando a questão do pretense asturiense de Muge, e, por fim, das conclusões gerais das investigações levadas a efeito no vale inferior do Tejo e arredores de Lisboa.

Em Casal do Monte — a notável descoberta arqueológica do Prof. Joaquim Fontes — a monografia distingue séries do abeulense, clactonense, clactono-acheulense, taiaco-acheulense I, taiaco-acheulense II, achéleo-mustierense, mustierense, paleolítico superior, talvez do mesolítico, e enfim do neo-eneolítico. Numerosíssimas peças teriam sido utilizadas e novamente talhadas em épocas diferentes, que a monografia especifica pormenorizadamente, baseando-se sobretudo nas pátinas e nas técnicas diversas nas mesmas peças. É, porém, certo que se trata de estações de superfície, nas quais, portanto, toda a cronologia é difícil, devendo ainda notar-se que é estranha a utilização múltipla de «sucatas» líticas com tantos milénios de intervalo, a despeito da possível escassez de matérias-primas...

Quanto ao pretense «asturiense» de Muge, os AA. negam-no, no que estamos de acôrdo; já em 1940, na nossa memória *Novas estações líticas em Muge* (cuja citação é acrescentada na monografia), apresentada ao Congresso do Mundo Português, falámos na ausência absoluta de picos nos concheiros e em peças «de morfologia asturiense» e não averiguadamente «asturienses» nalgumas outras estações, e aludimos à sua raridade, não ocultando as nossas dúvidas sobre o assunto. Quanto a um pré ou proto-asturiense português, de raízes paleolíticas, congratulamo-nos pela convergência, expressa pelos AA., da opinião destes com as hipóteses que emitimos naquele e noutros trabalhos e que correspondem também, mais ou menos, às do Rev. Jalhay e do capitão Afonso do Paço.

Renunciando, pelo motivo já exposto, a entrar em mais pormenores, abrimos apenas excepção para o 1.º capítulo, referente aos chamados «eólitos» de Ota. Estudando os exemplares descobertos por Carlos Ribeiro, os AA. encontram nêles técnicas clactonense e taiacense, mustierense, do paleolítico superior, mesolítica e neo-eneolítica. Estariam, entre aquelas peças, os primeiros *paleólitos* descobertos em Portugal. Partilhamos desde sempre a dúvida de Breuil sobre a natureza «eolítica» dos espécimes de Ota. Mas nós, que, com Santos Júnior, recolhemos

tantos exemplares *in situ* numa vala aberta para a canalização das águas de Lisboa, permanecemos hesitantes sobre a significação e a nova cronologia atribuídas a essas peças, por mais que algumas delas possam evocar aspectos paleolíticos e até afinidades mais recentes!

A tipologia, a técnica, as pátinas, os aspectos da superfície dos objectos, são decerto elementos importantes de classificação. Tem-se, sem dúvida, progredido muito nesse estudo, e Breuil figura, incontestavelmente, entre os cientistas que mais valiosa contribuição têm dado para o assunto. Mas, na nossa modesta opinião, não se pode, para resultados definitivos, prescindir da estratigrafia, da paleontologia, enfim de importantes elementos de que, aliás, quando êles não faltam, os AA. têm mostrado, em muitas estações, apreciar devidamente o valioso concurso.

Permanecem, enfim, em suspenso muitos problemas sugestivos da mais antiga idade da pedra em Portugal. Na verdade seria excessivo exigir que, bruscamente, como numa mágica, a luz surgisse em tantos domínios e em tantos factos que a pré-história geral conserva ainda obscuros ou meramente conjecturais. Mas seria bem deplorável o misoneísmo daqueles que, amarrados a concepções caducas ou predispostos a um sistemático cepticismo, pretendessem contestar a base científica das modernas investigações em pré-história e negar a flama reveladora e original que arde em espíritos privilegiados como é o do P.º Henri Breuil.

MENDES CORRÊA.

MARTÍN ALMAGRO — *Los problemas del Epipaleolítico y Mesolítico en España* — «Ampurias», VI. Barcelona, 1944.

No N. de Espanha, o azilense sucede ao madalenense que desaparece pouco a pouco. Nos seus concheiros o asturiense sobrepe-se, a seu turno, ao azilense, surgindo depois, com a chegada do neolítico à região cantábrica, a cerâmica e a pedra polida. Mas para o resto da Espanha, pergunta o A., como preencher os milénios que decorrem entre o madalenense e o neolítico?

Partindo do princípio de que as teorias clássicas de Breuil, Obermaier e Bosch sobre o capsense na Península estão postas de parte, graças aos resultados de Mencke e de Vaufrey, o director do Museu de Barcelona aventa que a indústria microlítica de Muge poderia ter nascido em Portugal dum paleolítico superior,

de carácter europeu, independente de qualquer influência africana. Ainda não é, porém, possível ajuizar com segurança da evolução do paleolítico superior português sobre os novos e importantes achados relativos a esta fase, visto a maior parte deles ainda não terem sido publicados. Por outro lado, perante as objecções de Vaufréy, Breuil Obermaier e Bosch ainda se não pronunciaram (que nos conste), sobre a sorte das suas teorias, que viemos seguindo desde 1917, como outros autores portugueses, sem, no entanto, nos considerarmos seus principais paladinos, o que parece imaginar o A. Têm-nos, é certo, parecido muito estreitas as afinidades, proclamadas por Breuil em Genebra, em 1916, entre micrólitos de Muge e os de algumas estações capsenses norte-africanas, e temos admitido impressionantes relações entre a raça — aliás, a nosso ver, *nitidamente individualizada* — predominante nos concheiros ribatejanos e um vasto bloco actual de raças equatoriais, estabelecido por Giuffrida-Ruggeri e por este avizinado do *H. aurignacensis* do paleolítico superior.

Não vamos, entretanto, insistir agora na origem norte-africana, capsense, da indústria microlítica de Muge, sem sabermos o que pensam dos resultados de Vaufréy os três Mestres citados — Breuil, Obermaier e Bosch — e sem concluirmos os nossos estudos sobre os materiais por nós recolhidos em Muge, estações em que, aliás, julgamos não haver, pelo seu carácter e por observações feitas, a tão nítida estratigrafia que Almagro parece presumir.

Em Parpalló e Hoyo de la Mina, segundo o mesmo autor, o *microlitismo* iniciar-se-ia no final do paleolítico superior da região, tendo Pericot descoberto peças microlíticas no nível superior do madalenense da primeira daquelas jazidas. Mas esse microlitismo não poderia ser já uma vaga influência de sugestões capsenses no madalense europeu? Não o afirmamos, mas admitimos que para a aparição de tal tendência tipológica haja explicações múltiplas, igualmente aceitáveis...

A verdade é que entre Hoyo de la Mina e Parpalló, dum lado, e Muge, do outro, as diferenças são profundas. Também entre Muge e as indústrias francamente neolíticas ou eneolíticas, que Almagro cita, apenas há de comum uma parte do material de osso e alguns tipos de micrólitos: em Muge não aparecem a pedra polida, a cerâmica abundante, as pontas de seta — mesmo rudes — do neo-eneolítico. Quasi em face de Muge, na outra margem do Tejo, Vale das Lajes apresentou-nos trapézios, com machados polidos. Mas esses trapézios eram maiores do que os raros da Amoreira ou os frequentes da Arruda. Não excluimos uma evolução da indústria microlítica para formas menos pigmeias,

mas há ali uma grande novidade em relação aos concheiros de Muge: a pedra polida.

Nas proximidades de várias estações espanholas de arte rupestre, do tipo meridional e levantino, Almagro regista a aparição de indústrias microlíticas, que invoca para a determinação cronológica das pinturas. Tratar-se-ia, em Cogul, por exemplo, dum desenvolvimento post-paleolítico, mesmo francamente neolítico, do paleolítico superior, talvez do aurinhacense ou melhor do madalenense pobre e degenerado das camadas mais superficiais de El Parpalló ou de Leriña, com « indústria madalenense, que enlaça com o neolítico... ».

Ocupa-se também Almagro do asturiense, parecendo admitir esta cronologia para os achados de Blake Whelan na Irlanda, indústria esta que não consideramos asturiense. Trata especialmente do asturiense português, concordando com o P.^o Jalhay na maior antiguidade deste em relação ao cantábrico. Sem se pronunciar definitivamente sobre o parecer de Santos Júnior em relação à aparição, registada por Mergelina, de picos de morfologia asturiense no castro romano de Santa Tecla, o A. distingue o ancorense (Serpa Pinto) do asturiense espanhol e do compositense (J. Fontes) do paleolítico inferior, dizendo não ser « possível admitir como sobrevivências dos primitivos povos paleolíticos a aparição de picos e *hendidores* paralelos ao asturiense e devidos a simples coincidências ». Com razão aponta os *erros* a que pode conduzir « a classificação de indústrias ao ar livre, sem firmes indicações geológicas ». Há um *Asturiense época* e um *Asturiense instrumento*.

Os milénios entre o azilense e o típico asturiense preencher-se-iam, enfim, com « a indústria de sílex, de aspecto microlítico, mais própria de caçadores do que de pescadores » e muito afim do « neolítico de tradição capsense ». As correntes *neolíticas* vindas de África e sobretudo do Mediterrâneo oriental *não ofereceriam qualquer dúvida*. Por que a dúvida sobre influências capsenses pré-neolíticas? — cabe perguntar.

Almagro finaliza com estas palavras prudentes, só de louvar: « Con las precedentes líneas, mas que un resumen de cuestiones resueltas, hemos querido abrir a la discusión unas hipótesis... ».

Não é difícil prever, efectivamente, que as incertezas e as discussões prosseguirão nestas matérias... Na presente notícia bibliográfica apenas tivemos a intenção de dar uma resenha dos pontos ventilados pelo A. e do carácter controvertido de muitos desses assuntos.

M. C.

GEORG UND VERA LEISNER — *Die Megailthgräber der Iberischen Halbinsel — Erster Teil: Der Süden*. 2 vols. Berlin, 1943.

Não deve deixar de se assinalar na revista bibliográfica dos *Trabalhos* a aparição desta obra monumental do Dr. Georg Leisner e de sua esposa e colaboradora. É que representa o esforço sistemático mais importante e pormenorizado até hoje desenvolvido num estudo de conjunto dos megálitos peninsulares. Nesta 1.^a parte da obra são abrangidas as províncias do sul e do sudeste espanhol e, em Portugal, a do Algarve. É feita minuciosamente a descrição dos monumentos e a análise das culturas nêles reveladas. Conclusões gerais do maior interesse são dadas sobre a cronologia relativa e absoluta. A obra é ricamente ilustrada com numerosos desenhos, cartas, plantas e fotografias, sendo um dos volumes destinado ao texto e outros às estampas.

A edição, da casa Walter de Gruyter & C.^o, inclui-se na série de publicações da Comissão Romano-germânica do Instituto Arqueológico Alemão de Francfort sobre o Meno.

Este organismo honrou-se promovendo a publicação deste trabalho, mas são especialmente cabidas as mais calorosas felicitações aos AA., cujos estudos sobre as pinturas megalíticas portuguesas e galegas já aqui assinalamos com o justo relêvo e que têm continuado a palmilhar o território peninsular numa das mais tenazes e cuidadosas explorações arqueológicas que nêles se têm realizado. De tarefa tão persistente e escrupulosa é mais um feliz testemunho o livro a que se refere esta nota.

M. C.

L. H. WELLS — *Relatório sobre objectos encontrados em restos de cozinha perto da Foz do Limpopo — Documentário trimestral «Moçambique», n.º 36, págs. 13 a 23, 8 figs. Dezembro de 1943, Lourenço-Marques, 1944.*

O A., discípulo do Prof. Dart e com êle trabalhando na secção de Anatomia da Universidade de Witwatersrand, estuda, sumariamente, alguns fragmentos de cerâmica e um fémur humano esquerdo que o Prof. van Riet Lowe encontrara no Chaichai, perto da foz do Limpopo. (V. êste n.º dos *Trabalhos*, pág. 259).

A cerâmica é grosseira, manual e ornamentada. A ornamentação incisa é constituída quer por fiadas de triangulozinhos, quer por entalhes oblíquos, ovais ou quadrados, quer ainda por impressões ovais, côncavos, talvez feitas com a ponta do dedo.

Há ainda um fragmento inciso que apresenta conjuntos de traços paralelos em direcções discordantes e quasi normais.

O A. diz que esta cerâmica da jazida do Chaichai se assemelha à que se atribui a povos bantos.

O fémur, que é esquerdo, está apreciavelmente mineralizado e quasi completo. O A. atribui-o a um indivíduo de tipo predominantemente boximane, se não puro, e mais provavelmente a uma mulher do que a um homem.

S. J.

FERMÍN BOUZA BREY — *Dos torques áureos — Separata de «El Museo de Pontevedra», págs. 106 a 110, 2 Lam., com 3 figs.*

Este incansável arqueólogo, que ao estudo das jóias pré-históricas da Galiza tem já dedicado alguns valiosos trabalhos, descreve dois torques pertencentes à rica colecção de jóias arcaicas do Museu de Pontevedra.

Um dêles supõe-se procedente da província de Orense, embora se não saiba o local nem a data do seu aparecimento; é de ouro maciço, pesa 165 gr. e tem 360^{mm} comprimento máximo. O arco é de secção quadrada e termina por remates do tipo chamado duplo tronco de cone.

O outro foi descoberto em 1923 em determinado local das cercanias de Pontevedra que não é possível precisar, é maciço, de ouro baixo, pesa 218 gr. e mede 375^{mm}. O arco é de secção circular, mais grosso na parte média, e termina por remates em forma de pêra ou de bolota.

S. J.

B. TARACENA — *Cabezas-trofeo en la España céltica — «Arch. Españ. de Arqueol.», n.º 51. Madride, 1943.*

O ilustre arqueólogo espanhol, a quem se devem estudos de grande importância sobre Numância e outras estações arqueológicas do país vizinho, encontrou numa habitação da cidade celtibérica quatro crânios humanos, sem outros restos esqueléticos, inclusive sem mandíbula. Passando em revista os textos antigos sobre o costume das cabeças trofeus entre os Gauleses e várias esculturas e outros achados arqueológicos do território espanhol que parecem sugerir a extensão de tal costume à área céltica da Península, é levado a formular a hipótese de que os 4 referidos

crânios de Numância seriam cabeças-trofeus e mais uma prova do celtismo da população da Meseta Central da Espanha.

Um fragmento cerâmico de Numância apresenta uma cabeça humana em relevo. A hipótese referida explicaria também, segundo Taracena, a presença da cabeça humana debaixo do focinho do cavalo, em fíbulas de cavalo e ginete, de vários pontos de Castela e de Leão, que, com cavalos de bronze de Despeñaperros e outras localidades, suscitaram hipóteses várias. As cabeças nas fíbulas referidas foram, por exemplo, explicadas por Pierre Paris como símbolos religiosos, episódios de batalhas ou alusões a cavalos antropófagos, como os de Rhesus. Ora Estrabão, segundo o autor recorda, assinalara o facto de os combatentes atarem ao pescoço dos cavalos as cabeças dos inimigos que matavam e as levarem consigo para as colocarem como espectáculos no grande vestibulo das suas casas.

A hipótese de Taracena é verosímil, em nosso entender. Julgamos, porém, que, se a base dos crânios descobertos conservasse vestígios da decapitação — o que o A. não diz — estaria nisso um argumento fortíssimo em favor da sugestão feita. As cabeças-trofeus entre os Indonésios e os Timorenses apresentam geralmente ablações consideráveis da área circundante do occipital. Também é de considerar a falta das mandíbulas. Os crânios-trofeus das ilustrações do trabalho especial de Martin conservam a mandíbula.

M. C.

F. ALVAREZ-OSSÓRIO — Museo Arqueológico Nacional — Catálogo de los ex-votos de bronce, ibéricos — Madride, 1941.

O Museu Arqueológico de Madride possui uma importante colecção de ex-votos de bronze, provenientes de santuários ibéricos, entre os quais avultam os de Castellar de Santisteban na provincia de Jaen, e Santa Elena, Despeñaperros, na mesma provincia, num dos sítios mais abruptos da Serra Morena. Ascendem a alguns milhares as peças relinidas nesta secção do Museu, quer por ofertas, quer por compras, quer por explorações directas custeadas pelo Estado.

Num volume de texto o A. faz um estudo de conjunto sobre ex-votos ibéricos e a descrição, depois, peça por peça, com uma bibliografia no final. Noutro volume são dadas excelentes estampas de numerosos exemplares.

Trata-se dum trabalho que honra o seu Autor, o Museu Arqueológico de Madride e a cultura espanhola.

M. C.

MANUEL VASQUES SEIJAS — Lugo en los tempos prehistóricos. Lugo, 1943.

Nesta conferência pronunciada no salão da Diputación de Lugo, estuda o A. a pré-história e a proto-história da provincia espanhola de Lugo. Depois de examinar e interpretar os achados da idade da pedra, as cavernas, os monumentos megalíticos e as esculturas, armas e objectos de adorno proto-históricos, termina por analisar a influência dos Celtas, Fenícios e Gregos nos usos e costumes da população da referida provincia.

É um trabalho de síntese muito bem elaborado e está documentado com valiosas estampas.

ALFREDO ATHAYDE.

ANTÓNIO SERRANO — Las estatuillas de arcilla de Córdoba y su significado arqueológico — «Univ. Nac. de Córdoba, publicaciones del Instituto Dr. Pablo Cabrera, XII». Córdoba (Argentina), 1944.

O ilustre director do Instituto de Arqueologia, Lingüística e Folclore Dr. Pablo Cabrera, da Universidade Nacional de Córdoba (República Argentina), estuda sobre rica documentação de colecções do seu país, como as colecções do Dr. Magnin, do Museu Provincial de Córdoba, do Museu do seu Instituto, etc., a estatuária de barro daquela região serrana da América do Sul. Analisando as atitudes, os penteados, as pinturas faciais e corporais, a indumentária, etc. em centenas de peças dessa ordem e fazendo confrontos com os informes de relações e crónicas antigas sobre as populações indígenas daquela área, individualiza esta por certos caracteres da dita estatuária, que classifica em várias séries. A monografia, minuciosa e profunda, é profusamente ilustrada e tem um elevado interesse arqueológico-etnográfico.

M. C.

LEOPOLDINA FERREIRA PAULO — Alguns caracteres morfológicos da mão nos Portugueses. Pôrto, 1944.

A cabeça e membros e as suas relações morfológicas têm sido, em Antropometria, os objectivos mais freqüentemente abordados pelos investigadores, enquanto que há outras regiões do corpo humano sobre as quais pouco tem incidido a atenção dos

morfologistas. Assim acontece com a mão, embora faça parte dos membros. A sua bibliografia é ainda escassa, se a compararmos com as que se referem, por exemplo, à cabeça ou às proporções do corpo.

É pois para louvar a resolução da A. que escolheu para tema da sua tese de doutoramento o estudo antropológico da mão dos Portugueses, assunto que, também, entre nós, ainda não tinha sido abordado com a amplitude e intensidade que merecia.

A técnica empregada neste trabalho foi a que mais tem sido seguida em trabalhos similares estrangeiros e que é, também, mais recomendada pelos tratados de Antropologia.

O material observado compunha-se de indivíduos de ambos os sexos, sendo 402 do sexo masculino e 178 do feminino.

No estudo descritivo da mão, mereceram a atenção da A. as formas dos dedos e as suas combinações e ainda o alongamento relativo do 2.º e 4.º dedo.

Depois de submeter ao tratamento estatístico as medidas absolutas, cêrca de 28, construiu mais de 20 índices, relacionando as medidas entre si, de modo a definir não só a forma da mão, como ainda a de algumas das suas diferentes regiões.

Neste estudo da mão, chegou a A. a alguns resultados interessantes como os que a seguir se mencionam: a escala empregada por Koerner, no estudo de mãos de vienenses, teve de ser ampliada com 2 termos novos, correspondentes a dois tipos relativamente bastante freqüentes nos Portugueses, e é, portanto, provável que o aparecimento destas formas novas venha a revelar uma diferença étnica; as diferenças sexuais são mais nítidas no sentido transversal do que no longitudinal; embora o comprimento absoluto da mão dos Portugueses seja pequeno, relativamente à estatura, é maior do que nos grupos estrangeiros estudados; nas mulheres portuguesas só o comprimento do polegar, em relação à mão, é maior do que nos homens; é o polegar que apresenta, em ambos os sexos, maior amplitude de variação.

Este trabalho representa um esforço considerável, tendo a A. feito numerosos cálculos e estudado com minúcia estatística um grande número de caracteres.

A. A.

J. E. WECKBER, JR. — *Polynesians Explorers of the Pacific* — «Smithsonian Institution». Washington, 1943.

O complexo problema do povoamento da Polinésia; seus povos colonizadores; prováveis caminhos de penetração, o do

norte através da Micronésia, ou o do centro, através da Melanésia; os meios de que dispunham para a navegação; as novas regiões onde se estabeleceram; a sua vida, antes e depois da chegada dos Europeus; etc. são objecto dêste trabalho.

Em apêndice o A. dá-nos alguns pormenores sobre a geografia física e política dos principais arquipélagos da Polinésia.

Acompanha êste estudo escolhida bibliografia respeitante a cada um dos arquipélagos, assim como admirável documentação fotográfica.

HUGO DE MAGALHÃES.

RAYMOND KENNEDY — *Islands and Peoples of the Indies* — «Smithsonian Institution». Washington, 1943.

Síntese geográfica, antropológica, etnográfica, demográfica, etc., das Índias Orientais (Indonésia).

O A., professor de Sociologia da Universidade de Yale, apresenta o estudo, segundo os agrupamentos populacionais, para cada ilha, acompanhando-o dos respectivos mapas explicativos. Dos dois tipos raciais principais que compõem a população, o proto-malaio encontra-se principalmente no interior das grandes ilhas, nas regiões de elevada altitude, enquanto que o tipo deuteromalaio predomina na costa. Nas ilhas do Sudoeste verifica-se uma mistura de tipos.

Volume belamente ilustrado com aspectos dessas regiões maravilhosas.

H. M.

HERBERT W. KRIEGER — *Island Peoples of the Western Pacific — Micronesia and Melanesia* — «Smithsonian Institution». Washington, 1943.

A vida edénica dos povos das numerosas ilhas coralíferas da Micronésia e das populações primitivas da Melanésia está sintetizada neste volume.

Tanto no ponto de vista histórico como geográfico e antropológico, êste estudo é uma contribuição importante para o conhecimento destas vastíssimas regiões.

Como todos os trabalhos do Instituto Smitsoniano, êste apresenta uma documentação fotográfica excelente.

H. M.

WILLIAM H. GILBERT, JR. — *Peoples of India* — «Smithson. Instit., War Background Studies», n.º 18. Washington, 1944.

Em pouco menos de 100 páginas o A. faz uma interessante síntese sobre as populações da Índia, respectivo ambiente geográfico, culturas e raças, castas e tribos. Não são omitidas considerações sobre demografia, economia, política, história, línguas e religiões da Índia, tudo de grande interesse. A população da Península Indostânica subiu de pouco mais de 200 milhões em 1872 para 389 milhões, ou seja perto do dobro, em 1941. O A., a pág. 33, alude à chegada de Vasco da Gama à Índia no fim do século XV, mas não atribui grande importância ao acontecimento que considera apenas como representando a chegada dos «primeiros Portugueses» que iam «à procura da pimenta»... «Como no Brasil — acrescenta — os estabelecimentos deles (dos Portugueses) em Goa e noutros pontos foram principalmente ilhas costeiras e penínsulas fortificadas»... No quadro de pág. 34 sobre grandes acontecimentos raciais da história da Índia apenas menciona a presença de Portugueses de envolta com Franceses, Holandeses e Ingleses, por alturas de 1700. E, na página anterior, aludindo à acção inglesa desde cerca de 1600, diz que esta acção até 1783 «foi principalmente uma luta contra os saqueadores (*marauders*) portugueses, franceses e holandeses no tráfico das especiarias, do anil e do algodão»!...

À parte tão lamentáveis e injustas passagens sobre o papel dos Portugueses na Índia, é de reconhecer o interesse da síntese feita por Gilbert Jr., sendo mesmo de assinalar, apesar do seu carácter naturalmente sumário, o valor especial do capítulo sobre as castas, termo de que, na verdade, o A. não deixa de registar a origem portuguesa... Recordemos a este propósito a quantidade considerável de informes de primeira mão que os nossos autores quinhentistas deram sobre as castas e, em geral, sobre os costumes, organização social e religiões da Índia.

A brochura é magnificamente ilustrada com belas estampas de paisagens, monumentos e tipos humanos, além de alguns mapas.

M. C.

ANGYONE COSTA — *Indiologia* — 1 vol. de 272 págs. Rio, 1943.

Não é um manual ou um tratado de Indiologia — como o título do volume parece indicar — este novo livro de Angyone Costa, o autor da *Introdução à Arqueologia Brasileira*. Na verdade

trata-se duma colectânea de artigos, alguns dos quais, muito interessantes, sobre vários temas relativos aos Índios, sobretudo aos do Brasil, não se encontrando as matérias ordenadas, a bem dizer, segundo um plano geral ou, pelo menos, segundo as suas afinidades. Assim, sucessivamente, o autor ocupa-se das referências ao índio na carta de Pêro Vaz de Caminha, ao pudor entre os indígenas, aos animais domésticos destes, à alimentação dos Índios, às origens da «tanga», a Ladislau Neto, às línguas ameríndias, à arte rupestre, a Lund e Lagoa Santa, etc. Uma bibliografia sobre o índio é facultada por Angyone Costa, que lhe chama «pequena», apesar de ela ocupar cerca de 30 páginas. Na verdade, posta em confronto com bibliografias como as de Rivet no «Jornal da Sociedade dos Americanistas de Paris», ela é muito reduzida. Mas o autor não teve nela, como, sem dúvida, na maior parte dos capítulos do seu livro, o propósito de ir além dum resumo ou iniciação para pessoas não familiarizadas com o assunto. O facto é que muitos desses capítulos se lêem com interesse e agrado, mesmo quando já conhecidas pelo leitor as respectivas matérias.

Não podemos concordar com as restrições feitas pelo prezado e distinto confrade brasileiro ao valor da carta de Pêro Vaz de Caminha, para o conhecimento dos Índios do Brasil. Além do seu alto valor histórico e literário, esse documento tem também, a nosso ver, subido interesse etnológico. Faltam certas indicações somatológicas que os antropólogos modernamente utilizam? Decerto. Mas o índice cefálico, as escalas cromáticas, etc., são muito posteriores ao século XVI. Lá estão, porém, informes utilizáveis sobre a cor da pele, a forma dos cabelos, etc., que logo permitem a distinção em relação às raças brancas e negras.

M. C.

A. A. MENDES CORRÊA — *Timor português* — Contribuição para o seu estudo antropológico. 1 vol. de 235 págs. com numerosas estampas e gráficos. Lisboa, 1944.

Continua o Ministério das Colónias na sua patriótica e benemérita missão de tornar conhecido o nosso Império Colonial, continua o Prof. Mendes Corrêa na sua tarefa, não menos benemérita e não menos patriótica, de valorizar, com as suas obras científicas, o Instituto de Antropologia, que fundou na Universidade do Porto.

Safu agora dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa, com flagrante oportunidade e em opulenta edição, o último e valioso trabalho de Mendes Corrêa.

«Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria».

diz Camões nos *Lusiadas*, que deve ser, para os Portugueses, a ampliação da *Escritura Sagrada*, lá foram os nossos antepassados heróicos até à Ilha de Timor, que, para todo o sempre, há-de ser portuguesa.

O sábio antropologista, nos dois primeiros capítulos, esboça a história da descoberta e da ocupação de Timor e resume as investigações feitas, por nacionais e estrangeiros, sobre a complicada antropologia dos indígenas daquela ilha.

No capítulo III, explana o resultado de numerosas observações praticadas em Timorenses que vieram à Exposição Colonial do Pôrto e à Exposição do Mundo Português, de Lisboa.

Os capítulos IV e V aproveitam os dados colhidos em numerosas fotografias obtidas pelo antigo governador de Timor, major Álvaro de Fontoura.

No capítulo VI são estudadas as raças e línguas daquela ilha, e no capítulo VII fala-se da demografia, psicologia e cultura dos seus habitantes.

Finalmente, no capítulo VII, Mendes Corrêa ocupa-se da posição sistemática dos Indonésios em geral e dos Timorenses em especial.

Trata-se da obra mais notável que tem sido escrita à cerca da nossa colónia mais longínqua. Como portuense, congratulo-me por ela ter sido escrita no Pôrto.

E recordo-me de uma inglória campanha que aqui sustentei há anos, por ocasião da notável Exposição Colonial do Palácio de Cristal Portuense.

Propus então que o Palácio mantivesse o nome de *Palácio das Colónias* e que ali se estabelecesse o ensino colonial, mantendo-se ali, definitivamente, as peças que tinham vindo para a Exposição. Nada consegui, infelizmente.

Aquelas peças foram escamoteadas, desaparecendo sem qualquer proveito (1).

De nada servia a minha sugestão, pois o Palácio de Cristal

(1) A história da questão pode ler-se no ignorado livrinho: J. A. PIRES DE LIMA — *Os Povos do Império Português*. Pôrto, 1938.

Portuense, desde então, serviu para muita coisa, mas, decaindo sempre, nunca mais foi aproveitado para assuntos sérios.

Mas eu sou teimoso, e vou aproveitar o momento para, de novo, lembrar a necessidade de estabelecer na Universidade do Norte do País o ensino colonial.

Parece que, dentro de poucos anos, a Faculdade de Medicina do Pôrto terá de ser transferida para o Hospital em construção.

Se a Faculdade tem de perder o seu belo edifício, ¿por que não há-de aproveitar-se, então, para nêle se instalar nova faculdade universitária colonial?

Não me atrevo a repetir os argumentos que apresentei por ocasião da Exposição Colonial e que vêm expressos no meu livro citado.

Por agora, desejo apenas repetir, como se fôssem minhas, as perguntas feitas, há um século, pelo glorioso autor das *Viagens na minha terra*: «¿Por que há-de ser esta centralização do ensino em Lisboa?

¿Em que se funda um privilégio dado à capital, em prejuízo e à custa das províncias?» (1).

J. A. PIRES DE LIMA.

A. DA SILVA MELLO — *Alimentação — Instinto — Cultura* — 1 vol. de 483 págs. Rio-de-Janeiro, 1942.

Com o subtítulo *Perspectivas para uma vida mais feliz*, o autor faz um desenvolvido e substancioso estudo sobre vários aspectos do problema da alimentação. É um clínico que escreve sobre assuntos que suscitaram a sua máxima atenção durante 30 anos, e, no ponto de vista de informação médica, é de registar o alto valor do livro. Mas a cultura do autor ultrapassa os limites da cultura dum especialista, abordando com êxito temas eruditos e filosóficos que não são vulgares na corrente preparação profissional. Longe de se confinar numa visão unilateral, sentimental ou hipertécnica, dos problemas examinados, procura distinguir serena e imparcialmente os aspectos bons e maus dos factos. Assim, se preconiza a superioridade, em certos pontos de vista, do instinto e da vida natural sobre a razão e a inteligência, considerando a felicidade e a alegria relacionadas com instintos muitas vezes inofensivos, não deixa de entender que a religião,

(1) Anal. transcrita do *Jornal do Médico*, t. V, n.º 102. Pôrto, 1945.

especialmente a católica, é capaz de suavizar a vida e aumentar a ventura dos homens desde que lhe não traga mais complexos e recalcamientos prejudiciais ou desnecessários. O seu brado final — que, segundo êle próprio diz, «deve parecer a muitos descabido ou absurdo» — é: «Desconfiar da nossa inteligência, da nossa razão, do nosso raciocínio!» Na verdade, não parece que o desenvolvimento cerebral do homem tenha tornado êste mais feliz. . .

Evidentemente, não pode dizer-se que o homem seja mais feliz submetendo-se apenas aos seus instintos e às suas tendências biológicas. Quer em relação a esta questão de grande amplitude, quer, naturalmente, pelo que respeita a alguns pontos especiais de entre a multidão de assuntos versados, estamos em presença de matérias abertas a discussão. Mas é de louvar o autor pela sua segura e variada informação objectiva, pela elegância literária com que se exprime, pela esclarecida serenidade com que procura estabelecer as bases naturais e científicas duma vida humana, mais venturosa, calma e saudável.

M. C.

A. NASCIMENTO LEITÃO — *Aveiro e a sua laguna (Estudo comparativo de temas regionais)* — 1 vol. de 216 págs. e 10 gravuras. Lisboa, 1944.

O coronel-médico António Nascimento Leitão — que foi director dos Serviços de Saúde e Higiene em Macau e é autor de estudos valiosos sobre a bacia hidrográfica e a salubridade de Aveiro (cidade em que nasceu), a sanidade e climatologia médica de Macau, etc. — depois de longa permanência no Extremo-Oriente e de viagens pelas mais diversas e longínquas regiões do globo, voltou a encarar os problemas regionais aveirenses, através de elucidativos e interessantíssimos paralelismos e comparações com o que viu pelo mundo fora. O seu livro é, assim, do mais sugestivo interesse, denotando a notável cultura e as distintas faculdades de observação que o seu autor possui. A paisagem, o clima, as marinhas e a exploração do sal, e a evolução hidro-topográfica da região aveirense surgem ali estudados com proficiência, mas suscitam uma especial atenção para os etnógrafos os desenvolvidos capítulos consagrados à heráldica e simbólica locais, a tipos e costumes, a superstições e a outros aspectos etnográficos de Aveiro. Os confrontos com os mais variados exotismos imprimem um cunho particularmente atraente à documentada explanação.

M. C.

ALFREDO NICEFORO — *Criminologia — Ambiente e delinquência* — 1 vol. de mais de 700 págs. Milão, 1943.

É um grato dever assinalar a aparição dêste livro de tão sólida contextura e rica documentação que o grande criminalista e sociólogo italiano publicou ultimamente. Mas pouco mais podemos dizer, tão longe nos levaria a indicação pormenorizada dos temas e opiniões expostas pelo sábio Prof. Niceforo. São ali encaradas as relações de factores mesológicos vários, da idade e do sexo com a criminalidade. Factores cósmicos e geográficos, o ambiente social (civilização, instrução, condições económicas, profissão, urbanismo e vida rural, família), o ambiente moral e intelectual. Pode avaliar-se o alto e apaixonante interesse de muitos capítulos em que êsses variados problemas são sucessivamente examinados com uma desenvolvida exposição de factos e com perfeita serenidade objectiva.

Mais de cem páginas são, no final, consagradas à delinquência feminina, que, como é sabido, é muito menor do que a masculina, tendo-se afirmado que a prostituição é um equivalente do crime. Niceforo examina êste e outros problemas com critério sagaz e original. No seu livro utiliza largamente os métodos estatísticos e gráficos em que é também Mestre universalmente consagrado.

M. C.

DES.^{OR} JOSÉ ANTÓNIO DE SÁ — *Cadastro do Reino — 1801-1812* — 1 tómo dos «Subsídios para a História da Estatística em Portugal», publ. pelo Inst. Nac. de Estatística, Lisboa, 1945.

O Instituto Nacional de Estatística iniciou a publicação duma série de subsídios para a história da estatística em Portugal com a reprodução das *Instruções gerais para se formar o cadastro, ou o mappa arithmetico politico do Reino*, de 1801, e do *Plano para o alistamento geral do Reino*, impresso em 1812, um e outro da autoria do desembargador José António de Sá.

São muito interessantes aquêles documentos que testemunham já uma visão clara da importância das pesquisas em questão e certos métodos que, pelo menos na época, eram os aconselhados para o bom êxito dessas pesquisas, embora alguns tenham sido depois postergados pela experiência. Os inquéritos referiam se ao *estudo do Reino nos seus multiplicados Ramos* — demográfico, agrícola, industrial, económico, etc. —, e visavam servir de base racional a providências atinentes ao *bem dos Povos*.

Merecem o Instituto de Estatística e a sua ilustre direcção os melhores louvores pela publicação de tão curiosa documentação histórica sobre a Estatística em Portugal.

M. C.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — S. João na alma do povo — 1 vol. de 96 págs.; ed. da «Portucalense Editora», Pôrto, 1944.

Não podia uma «Biblioteca Popular» editada no Pôrto deixar de se referir ao... Santo grande da cidade— escreve de entrada o autor. O S. João é festejado ruídosamente pelo povo do norte, com Braga e Pôrto à frente, como Lisboa festeja entusiásticamente o Santo António.

Pires de Lima, no seu sugestivo trabalho, ocupa-se em breves capítulos, da biografia do Santo, das idéias do povo a respeito do S. João, das festas da «grande noite», do S. João no adagiário, no cancionero, nas tradições referentes às forças do mal, ao amor, à escolha de noivo. É rica a selecção, feita pelo autor, de quadras populares relativas a S. João Baptista. Aludindo a algumas ligeiras irreverências, na verdade inofensivas e ingénuas, que surgem por vezes, Fernando Pires de Lima aplaude com razão a acção eclesiástica no sentido de evitar os abusos e imoralidades com o pretexto das festas populares ao Santo. Quantos destes factos e de outras usanças, como as fogueiras tradicionais, as práticas ligadas à água (aliás esta, de certo modo, relacionada com a ortodoxia do sacramento do baptismo), não constituirão, em parte, sobrevivências remotas do paganismo!? Recordemos o que sobre o culto do fogo na Península escreveram, por exemplo, Bouza Brey, no volume de homenagem a Martins Sarmiento, e Betencourt Ferreira precisamente a pág. 202 e segs. do vol. IX da nossa revista.

Quanto mais não haveria a citar e a dizer sobre esse e outros temas relativos ao culto do S. João entre nós!? Entretanto Pires de Lima não quis elaborar um trabalho de erudição e de filosofia sobre o assunto, mas apenas descrever, numa pequena brochura destinada às mãos do povo, alguns aspectos etnográficos mais ligados ao encantador lirismo da devoção popular pelo S. João. E conseguiu com felicidade efectivar o seu propósito, digno de louvor.

M. C.

J. A. PIRES DE LIMA — Quatro romances populares. 29 págs. Pôrto, 1943.

Os romances populares «D. Silvana» (5 variantes), «Conde de Alemanha», «O canário do rei» (2 variantes) e «Antoninho», recolhidos em S. Simão de Novais, constituem a essência deste trabalho.

A distinta folclorista D. Maria Clementina Pires de Lima, filha dilecta do A., cuja morte prematura foi grande perda para a Etnografia nacional, muito especialmente no campo dos estudos da música popular minhota, colheu as melodias dos 4 romances, depois harmonizados pelo insigne compositor Cláudio Carneiro.

Antes de publicar a letra destes romances, o Prof. Pires de Lima faz eruditas considerações sobre a sua origem, citando entre outras, as opiniões de Teófilo Braga, Garrett e Carolina Michaëlis.

À lista bibliográfica de 22 números fornecida pelo A. poderia juntar-se mais um, referente a uma variante do romance «Dona Silvana» publicado por Gomes Pereira na *Ilustração Trasmontana*, 1.º Ano, Pôrto, 1908, pág. 176.

A Etnografia portuguesa deve ao eminente Prof. Dr. J. A. Pires de Lima alguns belos trabalhos. Oxalá que o sábio director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, que não afrouxa na sua actividade científica, continue a pôr ao serviço do estudo dos usos e costumes do nosso povo as suas notáveis qualidades de observação.

S. J.

LUÍS DIEGO CUSCOY — Tradiciones populares, II — *Folklore infantil*, 261 págs. La Laguna de Tenerife, 1944.

O Conselho Superior de Investigações Científicas do Instituto de Estudos Canários anexo à Universidade de La Laguna, em boa hora editou o volume do vasto e importante material recolhido pelo A. no arquipélago Canário.

É desnecessário encarecer a importância dos estudos da Etnografia das ilhas Canárias. Bem é que o A. numa próxima oportunidade nos dê um amplo estudo comparado dos usos e costumes dos habitantes daquelas ilhas atlânticas com os do povo da península e ainda do continente africano que lhe fica fronteiro.

Pode ajuizar-se do interesse do livro de que damos notícias, pelos títulos dos capítulos que são os seguintes: Canções de embalar, Momices «Monerías» e Orações; Jogos; «Canciones

de corso y recitados» que podemos traduzir por Lenga-lengas; Contos tradicionais; Amuletos e curandeirismo infantil: Adivinhas e enigmas.

Rico material que o A., prosador de mérito, expõe com boa sistematização, dando numa série de 56 notas bibliográficas finais alguns elementos para a apreciação comparada dos materiais colhidos com outros similares de Portugal e da Espanha.

S. J.

ARMANDO LEÃO — Notas de medicina popular minhota — Separatas dos n.ºs 80 a 85 do *Jornal do Médico*, 37 págs. Pôrto, 1944.

Louvável tarefa a da recolha das fórmulas curativas e modos da sua aplicação pelo povo das nossas aldeias.

O A. fê-lo, e bem, para a freguesia minhota de Oliveira (Póvoa-de-Lanhoso), dando a conhecer o modo como ali tratam uma boa série de males.

Entre os remédios empregados avultam pela sua infalibilidade em múltiplos achaques, o mel, a cera e as gorduras de porco, de galinha e de cobra.

Muito interessantes os capítulos «Linguagem popular em medicina» e «A credence na terapêutica popular».

O A. tem justo poder descritivo, em linguagem entremeada de plebeísmos locais, empregados com propriedade, o que torna a leitura agradável, qualidade que não é de desprezar, especialmente em trabalhos de etnografia.

S. J.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira (Lendas, Costumes, Crenças e Superstições)*. 1 vol., 2.ª edição, 213 págs., V est. com 26 figs. Lisboa, 1944.

O A., etnógrafo incontestado (prouvera a Deus que cada uma das nossas províncias assim tivesse um), reedita o 1.º vol. dos 6 publicados sob a designação de *Etnografia da Beira*.

O Dr. Jaime Lopes Dias, beirão ilustre e apaixonado estudioso dos encantos e da riqueza etnográfica da Beira-Baixa, especialmente dos concelhos de Castelo-Branco, Idanha-a-Nova,

Sertã, Oliveira e Penamacor, prestou um óptimo serviço à sua terra e à Etnografia nacional, reunindo em 6 volumes uma larga série de assuntos respeitantes à vida dos aldeãos beirões.

Os volumes da série, cuja reedição agora se iniciou, têm sido apreciados nas páginas dos nossos *Trabalhos* (Vd. vol. III, págs. 275 e 375; vol. IV, pág. 222; vol. IX, págs. 152 e 348).

À excelência dos materiais criteriosamente recolhidos, há a juntar a maneira elegante da sua descrição.

Já o eminente Mestre da Etnografia Portuguesa, Doutor Leite de Vasconcelos, no prefácio da 1.ª edição do volume cuja reedição agora anunciamos, realçara a riqueza dos elementos de estudo coligidos no «óptimo conteúdo» do volume, e dizia serem bem necessários estudiosos que, como o A., soubessem «trabalhar com amor e consciência».

S. J.

HERMANN LAUTENSACH — *Formação dos terraços interglaciários do Norte de Portugal e suas relações com os problemas da época glaciária*. — 45 págs. e 1 carta. — Publicações da Sociedade Geológica de Portugal. — Pôrto, 1945.

A presente monografia é dedicada ao estudo dos terraços do curso inferior dos rios do Norte de Portugal, especialmente dos do Rio Minho.

Depois de analisar o estado das investigações relativas ao Pleistocénico, desde o problema das oscilações glaciário-eustáticas do nível do mar, ao valor dos dados da Pré-História e à discussão das questões referentes ao clima dos tempos quaternários em Portugal, entra o A. na descrição pormenorizada dos terraços do Rio Minho e da região em que se situam.

Tanto na margem espanhola como na portuguesa registou o A. a existência de três terraços de acumulação: um terraço inferior, um terraço médio e um terraço superior.

Quanto à interpretação destes terraços, procurou o A. relacioná-los com os níveis litorais. Assim, segundo êle, o terraço médio do vale do Minho ligar-se-á com o terraço litoral inferior existente a sul de Viana; acima dêste, para norte da foz do Lima encontra-se outro terraço litoral, que na portela de La Guardia se confunde com o terraço superior do Minho.

No que toca aos dados pré-históricos, são analisados os diversos achados conhecidos desta região.

Procurando estabelecer as relações dos terraços com as oscilações eustáticas, o A. supõe o terraço inferior de idade post-glaciária; o terraço médio seria do interglaciário de Riss-Würm e o superior correspondente à fase de Mindel-Riss.

Para explicar certas anomalias que o A. pretende verificarem-se quanto à disposição dos depósitos, admite a existência de movimentos de levantamento simultaneamente com as oscilações glaciário-eustáticas, o que teria dado origem ao «ondulamento» da superfície dos terraços.

O estudo do Prof. Lautensach é um trabalho de valor e a sua consulta obrigatória para todos os que se ocupam dos problemas relacionados com o Pleistocénico e com a Pré-História de Portugal.

Todavia, as investigações relativas ao Quaternário do nosso País não estão ainda em suficiente avanço para permitirem o estabelecimento de conclusões seguras e irrefutáveis. Por isso, não é de estranhar que algumas das explicações dadas pelo Prof. Lautensach sejam discutíveis ou mesmo inaceitáveis, por contrárias a factos verificados posteriormente. Estão nesse caso as deformações por «ondulamento», impossíveis de justificar. As classificações dos terraços e a sua ligação com os níveis litorais merecem, também, reparos. Mas, isso de modo algum impede que a monografia do Prof. Lautensach, pela documentação que reúne, pelo pormenor com que são descritas as formações, seja a mais completa e valiosa que até agora se publicou sobre os terraços dos rios do norte de Portugal.

C. TEIXEIRA.